

## PREFÁCIO

A pós vários séculos de utopias e desenganos, a Europa, de uma forma geral, começa a empreender um regresso às origens, na busca das suas tradições, do seu património espiritual. Nos últimos quatro séculos, Portugal tem sido uma pálida imagem de si, do que foi a sua dimensão histórica e o lugar que, por mérito próprio, ocupou no contexto global da época. Hoje, na alvorada do terceiro milénio, o País também começa a sentir os primeiros influxos dos novos tempos que assolam a Europa: a barbárie moral que toma conta das mentes humanas e o desconforto espiritual que se instala nas pessoas e nas nações.

No final do milénio passado verificava-se um interesse crescente pela Tradição, a Magia e os Lugares Mágicos. Hoje, o interesse não é menor, só que um pouco diferente do ambiente de então. Recordo-me que, quando regresssei a Portugal, vindo de Paris, em 1979, sujeitei-me a uma onda de hostilidade por abordar abertamente as questões de ordem espiritual à luz do conhecimento universal, “esotérico”. Os anos 90 trouxeram, de facto, outras mudanças e as pessoas começaram a procurar estes temas. Durante esse tempo proferi conferências, palestras, colóquios, leccionei, desloquei-me a vários pontos do país dirigindo visitas culturais, escrevi, enfim, dividi-me em inúmeros trabalhos a fim de que as pessoas tomassem contacto com a sua realidade cultural e tivessem um pouco mais de auto-estima a respeito do país onde viviam. De facto, a disponibilidade das pessoas era grande e a sua receptividade não era menor. Poder-se-á perguntar o motivo de tão grande aceitação. Digamos que a História roda e o “conhecimento”, que até aí era tabu, passou a ser acessível a todos sem excepção. A novidade é aliada do “conhecimento”. Paralelamente a esta situação havia a História oficial que dizia – e julgo que ainda hoje diz – pouco às pessoas. E isto muito por culpa do seu estatismo ao analisar os fenómenos históricos sob uma forma linear e vazia de conteúdo religioso, espiritual. Essa história baliza-se em preceitos materialistas dos séculos XIX e XX, em determinadas formas de interpretar o mundo. Os historiadores que a defendiam, enredados que estavam nessa filosofia materialista e linear, tinham muitas dificuldades em romper com estes velhos dogmas e aceitar as novas ideias, também elas válidas, que começavam a ferver e a ter eco entre as gentes. Com o seu impulso, a História passou a ser vista, não como um processo linear, mas curvo (em forma de espiral), à semelhança do universo, e imbuída de elementos religiosos e espirituais. Porém, alguns estudiosos da História ainda resistentes teimavam em assentar os seus postulados numa visão linear,



horizontal – mimetando os seus antecessores –, que os impedia, assim, de analisar os acontecimentos históricos em profundidade, na vertical, indo ao encontro das “primeiras” causas. Continua-se a estudar muito, a escrever muito e a ensinar muito, mas com uma grande carga de preconceitos. Aliás, a fenomenologia histórica não é exequível sem a componente psíquica e, diria mesmo, sem a componente espiritual.

No dobrar do milénio, um novo impulso é dado pela História. Novos desafios e novas oportunidades são postos ao homem. O conhecimento é hoje acessível a todos e cada qual dispõe dele como bem quer. O verdadeiro esoterismo, que então era votado ao esquecimento, passa a ser motivo das conversas mais variadas, caindo o seu ensinamento numa perigosa banalização, deturpado e manipulado por interesses comerciais. Hoje, é o “esoterismo” (?) que está na moda e... amanhã, que mais descobrirão os “doutos” para alimentar os seus fins egoístas?

O racionalismo exacerbado, sem rosto e sem espírito, é um travão que barra o caminho ao verdadeiro ensinamento. Não basta saber, é preciso viver, experienciar, para conhecer. É necessário utilizar a Razão, mas sempre que isso não impeça a intuição de falar, de expressar-se e, sobretudo, de pôr mãos à obra. Este é o lugar mágico por excelência.

Os Lugares Mágicos que desejamos transmitir não são lugares físicos na verdadeira acepção do termo, uma vez que estes revelam, antes de mais, estados de consciência. Porquê? Porque quando nos aproximamos, com alguma devoção, de um desses lugares, sentimos algo que provoca um tremor em nosso ser, uma espécie de energia invisível aos olhos que perpassa o nosso corpo; algo atravessa o físico e toca o nosso interior, provocando inevitavelmente uma influência positiva na consciência, um bom sentimento que acalma e nos faz receptivos. Esta “energia” ajuda-nos a abrir a nossa consciência, a despertar a nossa alma e a escutar a “voz divina” que “fala” nesse lugar.

Dirigir-se frequentemente a determinados lugares que tenham uma carga mística, ou, pelo menos, de vez em quando, e banhar-se um pouco naquele ambiente é algo que alimenta a nossa alma. Naturalmente, uma consciência sujeita a este estado tem necessariamente de sofrer alguma alteração, uma transmutação tanto mais forte quanto o impacto sofrido pela compreensão do que lhe foi “revelado”. Algo a tocou e a despertou para um estado superior de “compreensão”, de uma experiência vivida. Estádios destes são muito similares àqueles que nos são relatados pelos grandes místicos da humanidade como, por exemplo, S. João da Cruz e Santa Teresa de Ávila. A aquisição de tais experiências vividas nesse momento de “revelação” são o fruto de profundos estados de êxtase que, necessariamente, se deverão reflectir nas acções. Se a nossa consciência despertou para algo que é bom para todos, por ser elevado, esse conhecimento deverá ser “transmitido” aos demais, como rezam os velhos ensinamentos da sabedoria. A tomada de consciência implica o não egoísmo e, acima de tudo, implica um sentimento de fraternidade para com todos os outros seres. O homem torna-se cidadão do mundo e a sua casa é o próprio mundo. No entanto, esta dádiva que o homem faz de si não deverá ser feita por vulgares palavras e prédicas, mas por atitudes conformes a uma profunda serenidade, confiança e humildade que perpassa em todos os actos do seu quotidiano. É esse o seu maior testemunho e é também esse o exemplo que os demais homens vão



tomar para si. Essa é a força da magia luminosa que opera “milagres” em todo aquele que se aproxima reverente e humildemente desses lugares sagrados, a fim de beber da fonte da vida.

Esta obra *Mitos e Lugares Mágicos de Portugal – Tradições, Ritos e Símbolos* é fruto de um trabalho aturado de vários anos, cujo intuito era tornar acessível o conhecimento deste fenómeno global, que é comum a vários países do mundo e fundamental na sedimentação de várias religiões e tradições que, gradualmente, se assimilaram ao *modus vivendi* das gentes sob a forma de “mitos” e “lendas”. É importante reter a ideia de que o mundo presente, mais do que o passado recente, é a casa de todos os homens e, por isso, importa saber o que se passa dentro dela.

Falar sobre o Sagrado nos dias de hoje não é tarefa fácil, porquanto vivemos numa sociedade fortemente comercialista que tudo consome, até mesmo a literatura mais profundamente religiosa e espiritual. Tudo é pretexto para se fazer comércio. Quando assim acontece resulta difícil a verdadeira comunicação entre as pessoas, pois a margem é perigosamente estreita para se falar daquilo que é essencialmente importante: a nossa identidade humana, o que somos, o que queremos e para onde vamos. A clássica atitude filosófica do espanto, da humildade, em suma, do amor à sabedoria, são virtudes hoje praticamente descartáveis. Porém, são estas mesmas virtudes primárias que nos possibilitam o retorno às Coisas Sagradas. Há que ter a consciência de que o homem sem a dimensão do sagrado perde a sua própria identidade de Ser.

Esta obra permite ao leitor “entrar” em contacto com um mundo que, a cada dia que passa, parece mais distante do Homem. É bem possível que muitos de nós vejam esse mundo como mítico, lendário, até mesmo fantasioso, mas é incontestável que ele está *aí*, presente nos nossos actos, nas nossas tradições, nas nossas crenças religiosas, na nossa forma de ser...

Esta obra é composta por 3 Livros e obedece a uma linha de pensamento que parte da energia *ab origine* que emana do universo (cosmos), percorre e manifesta-se no planeta atravessando pontos específicos à sua superfície (semelhante a agulhas de acupunctura – megálitos) de onde os homens antigos extraíam o seu poder, cultuando essa mesma energia (através de ritos), fonte de vida não só para o planeta como para todo o ser vivo existente à face da Terra. Dito isto, de modo resumido, temos que a obra se divide precisamente nestes três aspectos:

- O Livro I sob o título *Megalitismo – A Geografia Sagrada da Terra e as Energias Cósmicas e Telúricas* (re)coloca o pólo orientador no diálogo tríplice Deus/Homem/Natureza, cuja identidade humana situa-se no cruzamento de duas linhas opostas (uma vertical – Deus, e a outra horizontal – Natureza) que se encontram num único ponto: o centro. O homem representa o centro, o encontro destas duas dimensões (a espiritual e a material) e, por isso, na tradição clássica é representado crucificado, simbolizado no Cristo. Daí que o diálogo Homem/Natureza seja fundamental para resgatar a sua



verdadeira identidade, a sua razão de existir como Ser. Assim, este diálogo, operado no mundo da matéria é o cerne de toda a questão humana, pois é através dessa comunhão, revelada em um estatuto atemporal, que a dimensão do sagrado percorre e atravessa toda a manifestação, atribuindo-lhe, dessa forma, um significado mágico. Os lugares mágicos ou sagrados são o encontro da dimensão divina com o mundo natural, da matéria, através do homem, em que aquela desvela a sua presença e os seus insondáveis Mistérios. As categorias do espaço e do tempo, onde a Palavra do divino se “revela”, outorga-lhes uma fonte mágica que extravasa o conhecimento das coisas e lhes confere o estatuto de lugar mágico por excelência.

Um outro aspecto não menos importante que é estudado neste Livro é o símbolo da serpente, ondulando em forma zigzagueante sobre a superfície terrestre. Saliente-se que esse símbolo é o mais representativo da sacralidade do mundo. Na Antiga Tradição é tida como um dos aspectos visíveis e terrestres da divindade que percorre e alimenta o interior da Terra, garantindo o seu equilíbrio geomagnético. As energias cósmicas e telúricas, quando conjugadas num ponto do planeta, concentram nele uma forte carga energética, atribuindo a esse lugar um valor sagrado, mágico. Aí os antigos erigiam os seus monumentos megalíticos procedendo a cerimónias religiosas em troca das benesses recebidas.

Este Livro I subdivide-se ainda em duas partes:

- *1ª Parte* intitulada *O Cosmos. A Geografia Sagrada da Terra* fala-nos da Energia do Universo e o modo como esta penetra o planeta Terra, garantindo-lhe não só o equilíbrio como também a Vida à superfície. Falaremos a esse propósito das energias e dos pontos energéticos, bastante sensíveis, do planeta bem como dos símbolos que lhes estão associados;
- *2ª Parte* intitulada *A Natureza. A Sacralidade das Pedras* remete-nos para o estudo dos diversos aspectos simbólicos da Pedra e dos seus enigmas (o que nos querem transmitir e que mistérios encerra a linguagem nela insculpida). Um outro elemento fundamental que concorre para este enigma é o dos construtores de tão colossais monumentos.
- O Livro II sob o título *Magia, Cultos e Ritos associados ao Céu e à Terra* remete-nos para um tema tão antigo quanto a humanidade: o Homem. Esse conhecimento é abordado sob a perspectiva das Tradições, a força anímica que move e orienta um povo para um determinado sentido. Falar das fadas e génios que habitam a natureza e se dão a conhecer aos humanos é o mesmo que tocar a magia do maravilhoso mundo imaginário colectivo. Podemos até defini-lo de fantasia ou lenda, mas as estórias contadas por aldeãos trazem-nos à memória outras tantas estórias já



contadas e ouvidas por outros, num rol infindável, transpostas em dizeres, cantares populares, etc. Somos até tentados a pensar que nesta realidade concreta coexistem dois mundos que se desenvolvem em paralelo e que, por circunstâncias peculiares, como que mágicas, se tocam, tal varinha de condão, manifestando esse maravilhoso mundo “invisível” aos nossos olhos. As tradições são, assim, o património da Humanidade. A Tradição, em si mesma, é Una e Universal e dela derivam todas as outras tradições locais espalhadas pelo mundo; ela é o pilar onde assenta o mundo natural e humano, transpondo-o, porém, para o domínio do Divino. O homem, conhecedor das suas tradições, encontra as raízes que o formaram como ser de uma comunidade, de uma sociedade, de um país; compreendendo-as e vivendo-as, encontra a sua razão de ser como indivíduo integrado na Mãe Natureza que o viu nascer, crescer e tornar-se Homem;

- O Livro III sob o título *Roteiro Megalítico – Percurso Mágico em Terras Portuguesas* referencia alguns dos principais elementos megalíticos, ou “canti-nhos mágicos” por excelência, existentes no nosso país e, tanto quanto possível, estuda ou levanta algumas questões sobre a sua origem e/ou seu significado. Refira-se que durante algum tempo o nosso país foi considerado o berço do megalitismo na faixa atlântica da Europa. Apesar da evidente destruição a que os monumentos de pedra foram sujeitos, quer pela acção humana quer pela acção da natureza, os vestígios eram, porém, mais abundantes no solo português do que no resto dos países europeus. Actualmente esta ideia está posta de lado e englobada num contexto mais lato de cultura megalítica. Lugares Mágicos ou Lugares Sagrados, como os queiramos designar, são o testemunho do encontro da dimensão divina com o mundo natural e humano onde a divindade, sob as mais diversas formas, (des)vela a sua presença e apresenta os seus mistérios insondáveis. A viagem que propomos ao leitor, ao ler as páginas deste Livro, é a de percorrer as principais terras que indiciam uma magia própria. Neste percurso falaremos de muitos lugares, desde o Minho ao Algarve e, sobretudo, partiremos à descoberta de algo que sempre esteve diante dos nossos olhos, a que nem sempre prestámos a devida atenção, mas que é fundamental para a compreensão do “ambiente” que envolve esses lugares. Para melhor facilitar este estudo optei por classificar e analisar estes elementos megalíticos por províncias, a fim de o leitor ter uma ideia global da quantidade de monumentos existentes e, que de modo curioso (ou nem tanto assim), atravessaram, sobretudo, a zona interior do país e a parte alta do litoral.

Assim, percorrer os caminhos de Portugal é conhecer o modo como os nossos antepassados expressavam o saber que possuíam e transmitiam o seu *modus vivendi* e a sua religiosidade nos monumentos que erigiam para as gerações futuras. No fundo, é encontrarmos um pouco de nós próprios: o que fomos, o que somos e para onde vamos. É esse o nosso mais antigo património, como também o é de toda a humanidade.



A título conclusivo podemos dizer que se há quinhentos anos as descobertas foram feitas por caravelas a sulcar o mar infundo para rasgar as trevas do conhecimento, hoje, mais do que nunca é necessário descobrir, através das caravelas do espírito, o imenso saber que encerram os Lugares Mágicos da humanidade para que, desse modo, seja possível o nascimento de um Mundo Novo e Melhor. E se há cinco séculos essas descobertas foram feitas por mar, dando novos mundos ao mundo, nos dias de hoje as descobertas terão de ser realizadas numa outra dimensão: na dimensão onde se situam os verdadeiros Lugares Mágicos – quer sejam em Portugal... quer sejam em qualquer outra parte do globo.

